



José Inácio Vieira de Meloⁱ

Templo

Das palavras do poeta, as imagens
que captam a multidão ao triunfo.
De sua dimensão nasce o centauro,
veículo e montaria dos mundos.

A loucura das lâmpadas na mente
e o pensamento inquieto, o poeta
bebe e chora ouvindo as vozes do templo:
elementos que o espírito alimentam.

Combate a morte com a poesia.
Violenta o pavor da cristandade.
Seus versos, rebeladas orações,
cânticos de louvor à liberdade.

Na escada do templo, pensando o tempo:
o mundo emergindo dos vastos ventos
para os cascos velozes do centauro.
O poeta é o próprio templo do tempo.

Com os ímpetos dos céus, bebe o vinho.
Indo ou vindo o poeta se embriaga
e iluminado estende aos mercadores
o ardor e o sabor de suas palavras.

Dentro da noite selvagem e bruta,
os lamentos da multidão que sangra.
O poeta em seu plantão salga a carne,
depois revela as fontes da emoção.

Por dentro da nave do mundo existem
rumos crescentes que esperam por gentes.
O poeta entrou no templo, abriu as portas,
acendeu a fogueira e dançou nos tempos.

Jokerman

Para Bob Dylan

O tempo está passando e continua o mesmo,
as minhas dores é que são cada vez mais reais.
O tempo está passando e eu continuo a esmo.
Já estou cansado de olhar para a mulher
que não me quer, já estou ficando vesgo
de olhar para o firmamento e ver a linha
que nada indica – nem início nem fim nem meio.
Já olhei bem no centro de tudo que alcanço,
para os lados e para os cantos e para os recantos,
já até me perdi dentro do olhar buscando encontrar,
mas eu nunca vi o olho de deus na palma da minha mão.

Os profetas estão roucos e seus vaticínios caem dos céus.
Sinto uma saudade enorme dos urubus, tão higiênicos,
tão sinceros, tão amigos dos vaqueiros. Sim, o azul do céu
não existe nem faz diferença para quem pensa no senado,
porque para quem pensa no senado a gaita não toca,
e, se toca, o senador liga suas células e as cédulas brilham
e a gaita deixa de existir. Eu sou um índio perdido.
A velocidade embebedou meu sonho de primaveras primevas.
Repare, se eu estiver uivando, não repare,
mas é só o que posso fazer diante do abandono.

Minhas asas de anjo pesam mais do que as do albatroz,
e, no circo, o picadeiro me assusta. Só me resta ser o palhaço
de um humor negro – tão sem graça quanto a beleza
dos meus ganidos, dos meus vagidos, da minha rouquidão
desesperada que prega as verdades no deserto
das mentes mundanas, humanas, sacanas, perversas.
Eu sou o símbolo de minhas taras agonizantes.
Estou morrendo, mas o meu chapéu de cowboy
está radiante. Pois para um índio da Judéia
brincar de deus e rir da sua própria desgraça
é o que há de mais sublime e glorioso.

Ah a glória – o panteon da fama, dos deuses transitórios.
Ah esse tempo que mostra que o meu futuro é não ter futuro,
que a cinza é apenas cinza e que a fênix não existe
nem na sombra do urubu. Mas tudo continua azul

porque o azul é o nosso teto, porque o azul não existe,
porque no azul a gente pode mergulhar e esquecer o peso,
porque o azul é o azulão que assobia a última canção,
o último gemido agônico que vem na hora derradeira.
O *gran finale* dessa nossa saga atroz e bestial
há de sair do bico de um passarinho. Pelo menos isso,
meu Deus! Não da boca escancarada de um trombone
ou do bocal de palheta de uma clarineta. Não, isso não!

Parábolas

I

É da natureza do poeta
sonhar a essência do vento
e soprar na harpa os outros nomes
da pedra e da água.

A grande mãe se inclina
e oferece o vinho santo do seu corpo,
semente e bênção do ventre úmido.

Só tua boca pode receber este mel
e conhecer as liturgias das areias
e saborear o sangue das origens
no cálice que transborda nesta mesa.

II

O espanto dos homens sussurra rapsódias.
As campânulas de fogo se agitam
e deixam apenas vestígios de cinzas
que as chuvas desmancham e apagam.

Há tantos seres numa pessoa.
Um argonauta pode estar
na sombra de um titã.

A lira vai do raio ao rei.
O outro delira.

III

Um homem vaga por abismos.
Sua sombra borda contornos
no espelho do lago da ambição.

O sexo de cristal se move,
graça dos nervos da síntese,
e amamenta os sonhos da amiga
que ascende na colheita dos espinhos.

Do sexo, uma criança brota:
guerreiro das palavras estrangeiras
a oferecer toda sua safra.

Oculto-se na busca do Santo Graal
que repousa no vestíbulo da noite
onde manadas de estrelas
viajam e vagam e morrem.

IV

Enquanto a sombra se enraíza nos rebanhos,
papoulas de fogo fervem no sangue de Dioniso
e uma candeia de narcisos sobe à cabeça
para celebrar os réquiens do adeus.

Incrustadas por brasas aflitas
as fêmeas se enlaçam aos machos
e afloram gerações e gerações
para desfolhar as pedras de Deus.

Caligrafias

I

Na poeira de um tempo impreciso,
as histórias do silêncio,
ninhadas de signos sem tradução.

Silêncio na carne.
Silêncio que sente a areia passar.
Tempo para a solidão do poema.

Cultivamos os nomes.

Criamos semblante para cada nome.
Para mostrar nossos nós – a palavra.

Com os olhos marejados
a vertigem cresce:
suas roupas são de luz e de som.

O pasmo nos sobressalta
e gozamos de tudo.

II

A poesia de um tempo sem siso
e sua estranha ninhada de histórias
das entranhas do silêncio.

Nosso heroísmo é trágico
e as parcas são infinitas.

Temos apenas a ilusão das coisas
e o caminho é irreversível.

Retornar – apenas para o Nome,
para o ser que não tem nome.

Recebido em 15/04/2013
Aprovado em 05/05/2013

ⁱ JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO (1968), alagoano radicado na Bahia, é poeta, jornalista e produtor cultural. Publicou os livros *Códigos do silêncio* (2000), *Decifração de abismos* (2002), *A terceira romaria* (2005), *A infância do Centauro* (2007), *Roseiral* (2010), a antologia *50 poemas escolhidos pelo autor* (2011) e *Pedra Só* (2012). Organizou *Concerto lírico a quinze vozes – Uma coletânea de novos poetas da Bahia* (2004), *Sangue Novo – 21 poetas baianos do século XXI* (2011) e as agendas *Retratos Poéticos do Brasil 2010* (2009) e *Retratos Poéticos do Brasil 2013* (2012). Participa das antologias *Pórtico Antologia Poética I* (2003), *Sete Cantares de Amigos* (2003) e *Roteiro da poesia brasileira – Anos 2000* (2009). No exterior, participa das antologias *Voix croisées: Brésil-France* (Marselha: Autre Sud, 2006), *Impressioni d'Italia – Piccola antologia di poesia in portoghese con traduzione a fronte* (Napoli: U.N.O., 2011) e *En la otra orilla del silencio – Antologia de poetas brasileños contemporáneos* (Cidade do México: Unam / Ediciones Libera, 2012). Tem poemas traduzidos para os seguintes idiomas: espanhol, francês, italiano, inglês e finlandês. Edita o blog *Cavaleiro de Fogo*: www.jivmcavaleirodefogo.blogspot.com